

“Vem e segue-me!”

(Mt. 19,21)

INTRODUÇÃO

Com solicitude pastoral e ardente comunhão na Caridade, os Bispos de Évora, Algarve e Beja, que integram a Província Eclesiástica de Évora, dirigimo-nos aos Presbíteros, Diáconos, Consagrados e Consagradas, Famílias Cristãs, Movimentos Eclesiais e Associações de Fiéis das Dioceses que servimos. Queremos compartilhar convosco a nossa preocupação face à urgente necessidade de vocações ao matrimónio, aos serviços ministeriais e ao ministério ordenado do Diaconado Permanente e do Presbiterado. Sabemos como amais a Igreja, e como estimais e conviveis com estes Dons, por isso vos confiamos com Esperança e Confiança esta nossa solicitude que nos vem do nosso ministério episcopal e da certeza de convosco formarmos o Corpo de Cristo nestas Igrejas do Sul de Portugal.

Se olharmos atentamente para os Presbitérios das nossas Dioceses, verificamos que nesta primeira vintena de anos do Séc. XXI, os Presbíteros continuam a diminuir. A Diocese do Algarve ordenou dezasseis presbíteros, enquanto faleceram vinte, e dois foram dispensados pelo Papa das obrigações sacerdotais. Na Diocese de Beja, ordenaram-se vinte e um presbíteros e faleceram vinte e seis e foi ainda concedida pelo Papa Francisco uma dispensa das obrigações sacerdotais. Na Arquidiocese de Évora, ordenaram-se nos últimos vinte e um anos dezasseis Sacerdotes, faleceram quarenta e nove Padres e dois Presbíteros foram dispensados das obrigações sacerdotais.

Se visitarmos o Seminário Nossa Senhora da Purificação de Évora, onde se preparam os futuros Presbíteros destas três Dioceses, encontramos-nos com treze seminaristas dos quais dois são do Algarve e seis de Évora, sendo os restantes de outras Dioceses não pertencentes à nossa Província Eclesiástica. Lemos como forte sinal convocatório das nossas Dioceses, o facto de nos últimos dois anos (2109/2020 e 2020/2021) não ter entrado nenhum jovem para o ano propedêutico. Percebemos que este número de seminaristas e neste ano 2021/2022, a existência apenas de um candidato da Diocese de Beja, ao Seminário Propedêutico a funcionar em Faro é exíguo para renovar os nossos Presbitérios nos próximos anos da terceira década deste século.

Daqui a necessidade de um renovado empenho na descoberta da beleza vocacional de todos os discípulos de Cristo, nomeadamente dos que são chamados a ser Presbíteros.

Ao meditarmos no encontro de Jesus com o “Jovem Rico” (Mt 19, 16-21), compreendemos que a vocação é um relacionamento pessoal: deixar-se escolher por Cristo pondo-O em primeiro lugar, face a todas as riquezas ou calculismos egocêntricos. Percebemos que o vocacionado se assume na liberdade e na alegria como discípulo de Cristo Servo, Pobre e Bom Pastor. Quem não sabe aceitar a renúncia para acolher o convite a um Amor maior, permanece encerrado em si e muitas vezes limitado aos interesses imediatos e pessoais, senão mesmo banais e fúteis. Por vezes esta dificuldade de renúncia a si mesmo, perante Bens maiores, empobrece as nossas relações com os outros e limita a nossa liberdade interior com um consequente enfraquecimento espiritual, frequentemente acompanhado de tristeza e irrealização.

Várias realidades contribuem para esta crise antropológica. Lembramos as dificuldades que os jovens enfrentam face ao mundo do trabalho: a instabilidade ou inexistência de vínculos laborais estáveis; as necessárias mudanças de emprego, não segundo a preparação e adaptações pessoais mas consoante as possibilidades reais do momento; dificuldades em se identificar com uma profissão concreta e em muitos casos, não correspondente à preparação técnica, científica e pessoal; a reduzida remuneração auferida, incapaz de possibilitar a constituição de uma família e a desejada procriação, quantas vezes adiada, bem como a emancipação da casa e do sustento dos pais. Quantos jovens não tiraram o curso que desejavam e não exercem profissionalmente. Conscientes que esta dificuldade de inserção das novas gerações no mundo profissional dificulta a concretização da vida matrimonial, o que contribui para a desertificação populacional do país, e para a concentração das novas gerações nas grandes cidades litorais do país ou à emigração, deixando-nos a todos mais pobres.

Perante este contexto, podemos falar de uma crise vocacional na Sociedade e na Igreja, daí a necessidade de refletirmos sobre a transcendência desta questão e sobre a necessidade de atuarmos pastoralmente. É assim, que em diálogo orante, sentimos ser nosso dever convocar as três Dioceses desta Província Eclesiástica para um Tempo dedicado à Pastoral Vocacional, um Biénio Vocacional.

Aproveitando as sinergias geradas pela caminhada para a Jornada Mundial da Juventude e convictos que o próximo Sínodo dedicado à Sinodalidade da Igreja são um estímulo e ao mesmo tempo um momento de Luz. Reafirmamos a nossa convicção que o tema vocacional é incontornável e deve estar sempre presente, muito mais neste momento eclesial que se apresenta como “Tempo Favorável”, Kairós de Deus.

1. POSSÍVEIS CAUSAS NA ESCASSEZ DE VOCAÇÕES

Desejamos apresentar, de modo sintético, algumas possíveis causas para esta inversão vocacional. Facilmente se verifica que o modo antropológico prevalente na Europa é o “homem sem vocação”⁽¹⁾. De facto, existe uma cultura antropológica muito frequente, que se centra na satisfação das necessidades do individuo acima de tudo; que propõe a autorrealização como única meta da existência e a concepção da liberdade como pura autonomia. O individuo é o centro e a medida de si mesmo. Assume a vida como uma soma de experiências passageiras, renunciando a grandes projetos e a compromissos permanentes. Portanto, a dimensão vocacional da pessoa, isto é, a visão da vida como apelo dos outros e de Deus, com a consequente resposta comprometida, fica para segundo plano ou até desaparece.

É verdade que não faltam pessoas que conseguem entender a vida como responsabilidade frente aos outros e como resposta ao chamamento de criar um mundo mais humano, mas na visão predominante da nossa cultura vai diminuindo fortemente a compreensão da vida como vocação, porque, no fundo, o ser humano prescinde de Deus como interlocutor. Frequentemente a nossa geração não quer, não aceita, apelos exteriores a si mesmo, somente o seu eu e a sua liberdade contam. Esta compreensão da vida vai preenchendo a família e a Escola, solidificando-se em mentalidade dominante. O ateísmo, o agnosticismo, a indiferença religiosa, vão ganhando amplo espaço na nossa sociedade.

(1) Congresso europeu sobre as Vocações, Novas vocações para uma nova Europa, 1997, 11c.

2. AS COMUNIDADES CRISTÃS E AS VOCAÇÕES

Os cristãos entendem a vida como um encontro entre Deus e o homem, no qual Deus toma a iniciativa e o homem recebe um chamamento para uma missão, à que responde livremente, animado pela mesma oferta de Deus, que sintoniza com os anseios profundos do seu coração. Porém o chamamento de Deus alcança-nos através de mediações. A origem de toda a vocação está em Deus Pai, que chama e envia o Filho, o qual por sua vez chama a todos ao seu seguimento. Cristo, assumindo a nossa natureza e a nossa história, converte-se no sacramento do encontro com Deus. É no encontro com Cristo que nos chega a Palavra de Deus e o seu chamamento.

A lei da encarnação exige uma mediação corporal que prolongue a ação de Cristo Pascal. Por isso, “comunicando o seu Espírito, fez misteriosamente de todos os seus irmãos, chamados de entre todos os povos, como que o seu Corpo” (LG 7). Deste modo, a Igreja é, “em Cristo, como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano”⁽²⁾. Pois bem, se dizemos que a vocação é chamamento de Deus e resposta do homem, e a Igreja é esse mistério de encontro entre Deus e os homens, então a vocação não pode acontecer senão na Igreja. Na Igreja dá-se o chamamento de Deus e a resposta dos homens.

Segue-se daqui uma importante conclusão em chave vocacional, que o Papa João Paulo II expressa assim: “A Igreja, que por inata constituição é “vocação”, é geradora e educadora de vocações. É-o no seu ser de “sacramento”, enquanto Sinal” e “instrumento” no qual ressoa e se realiza a vocação de cada cristão; é-o no seu operar, ou seja, no desempenho do seu ministério de anúncio da Palavra, de celebração dos sacramentos e de serviço e testemunho da Caridade (João Paulo II, Exortação apostólica pós-sinodal Pastores dabo vobis, 35). Importa que as nossas comunidades absorvam esta consciência e façam a experiência de encontro pessoal e íntimo com Cristo Ressuscitado a fim de gerarem Discípulos Missionários.

(2) LG 1.

3. CULTURA VOCACIONAL

Como dissemos estes princípios fundamentais de ordem teológica, devem converter-se continuamente em realidade existencial. Todos os cristãos, pessoal e comunitariamente, hão-de ter clara consciência de formar uma comunidade de chamados e nela descobrir o valor da própria vocação à luz do mistério de Deus e da Igreja. Chamados a viver a sua vocação como prolongamento da missão de Cristo; com o seu testemunho devem tornar-se instrumentos do chamamento de Deus, com respeito a outros. Esta é a condição que torna possível a pastoral vocacional. Ou seja, é condição imprescindível da pastoral vocacional que os cristãos, individual e comunitariamente, vivam a sua própria vocação para, deste modo, se tornarem mediação clara e manifesta do apelo de Deus, que possibilite a resposta livre de outras pessoas.

Neste sentido, a cultura na qual estamos envolvidos, de escasso vigor vocacional, pode ser interpretada como uma chamada de atenção para todos nós. Devemos examinar em que medida estamos influenciados por ela e tentar redescobrir o sentido cristão da vida, para viver de maneira renovada a nossa própria vocação. Deste modo, estaremos a criar “cultura vocacional”, ou seja, uma mentalidade e um conjunto de atitudes, um estilo de vida, alternativos à cultura sem vocação. As diversas vocações cristãs, bem vividas, exprimem valores que correspondem a expetativas e aspirações profundas do ser humano, como podem ser a procura de sentido da vida e sua dimensão espiritual, o compromisso ético e a responsabilidade para com a história, o desejo de reconciliação e de novas perspectivas existenciais. As vocações tornam-se assim apelos e referencias para os que andam à procura, nomeadamente os jovens.

4. PASTORAL VOCACIONAL

Estas considerações levam-nos a perceber «a urgência de que a pastoral vocacional da Igreja incida de modo decidido e prioritário na reconstrução da “mentalidade cristã”, tal como é gerada e sustentada pela fé... Só dessa maneira serão colocadas as bases indispensáveis para que cada vocação, incluindo a sacerdotal, possa ser descoberta na sua verdade, amada na sua beleza e vivida com dedicação total e alegria profunda».⁽³⁾

O redescobrimento da própria vocação por parte de cada cristão conduz a redescobrir ao mesmo tempo o mistério da Igreja como comunidade de chamados e enviados, como comunidade de “discípulos missionários”, com palavras do Papa Francisco. “Em virtude do Batismo recebido, cada membro do povo do de Deus torna-se discípulo missionário. Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo da evangelização... Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus”⁽⁴⁾. Por outro lado, as diversas vocações e ministérios, são expressão da riqueza da Igreja, cheia dos dons do Espírito Santo, em que cada membro tem a sua própria função.⁽⁵⁾

Em consequência, devemos dizer que a pastoral vocacional é obra de toda a comunidade cristã. Todos os seus membros podem e devem ser agentes e ao mesmo tempo destinatários da pastoral vocacional. E ainda mais: devemos dizer que a dimensão vocacional está na origem e no fim de toda e qualquer pastoral. É este um conceito que nos deixa claro o Documento Final do Sínodo dos jovens e que pode ajudar-nos a situar a pastoral vocacional no seu justo lugar: «A vocação constitui o fulcro em volta do qual se integram todas as dimensões da pessoa. Tal princípio não se refere unicamente a cada um dos fiéis, mas também à pastoral no seu conjunto. Por isso, é muito importante deixar claro que toda a pastoral pode encontrar um princípio unificador apenas na dimensão vocacional, porque nesta encontra a sua origem e realização. Por conseguinte, no caminho de conversão pastoral em curso, não se pede para reforçar a pastoral vocacional como setor separado e independente, mas sim para animar toda a pastoral da Igreja, apresentando

(3) João Paulo II, PDV 36.

(4) EG 120.

(5) Cf. 1Cor 12.

eficazmente a multiplicidade das vocações. Com efeito, a finalidade da pastoral é ajudar todos e cada um, através dum caminho de discernimento, a chegar à «medida completa de plenitude de Cristo» (Ef 4, 13).

No entanto, embora a pastoral vocacional não se possa considerar nem realizar como um setor separado do conjunto da pastoral, pode haver momentos destinados a fazer uma pastoral vocacional explícita, tendo como objetivo compreender melhor, aprofundar e reassumir a própria vocação, no caso dos adultos da comunidade. Saber realmente quem somos, encontrar a nossa identidade, para agir em consequência. E, ao mesmo tempo, revelar isso mesmo a outros. No caso dos jovens, o objetivo será empenhar-se em ajudá-los a encontrar e assumir a sua própria vocação, dentro da pluralidade das vocações na Igreja. É neste sentido que o próprio Documento Final do Sínodo dos jovens propõe uma “pastoral juvenil em chave vocacional”. É evidente que uma pastoral vocacional assim entendida não pode ser apenas obra de uma equipa de pessoas a nível diocesano, mas sim responsabilidade de todos os agentes das diversas pastorais e de outros membros das comunidades, a começar pelos próprios pais cristãos.

Talvez este modo de ver as coisas possa levar-nos a pensar que enferma de idealismo e que exigiria grandes planos. Mas não devia ser assim. Os padres sinodais do Sínodo dos jovens de novo dão-nos chaves para pôr as coisas no seu lugar, quando dizem: «Estamos conscientes de que não se trata apenas de dar origem a novas atividades e não queremos escrever “planos apostólicos expansionistas, meticulosos e bem traçados, típicos de generais derrotados”⁽⁶⁾. Sabemos que, para sermos credíveis, devemos viver uma reforma da Igreja, que implica purificação do coração e mudanças de estilo (...). Podemos descrever este processo falando de sinodalidade para a missão, ou seja, sinodalidade missionária: “A implementação de uma Igreja sinodal é pressuposta indispensável para um balanço missionário que envolva todo o povo de Deus”⁽⁷⁾. Portanto, parece que uma nova pastoral das vocações devia orientar-se nesta linha da sinodalidade, o que pode exigir uma progressiva mudança de mentalidade e de modos de ação pastoral. Em linha evangélica, o Papa Francisco convida-nos continuamente a sermos ousados.

(6) Francisco, EG 96.

(7) Comissão teológica internacional, A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, março 2018, n.9» XV Assembleia geral ordinária do Sínodo dos bispos, Documento Final, 118.

5. CONCLUSÃO

O Papa Francisco tem insistido na identidade missionária dos discípulos de Jesus Cristo, lembrando-nos que somos discípulos missionários e não discípulos e missionários, pois não existem discípulos não missionários. Ora a missão é a vocação a que o Senhor nos convida a viver na família, na sociedade e na Igreja, por isso a pastoral vocacional é transversal ao catecumenado cristão pré ou pós-batistal, na catequese das diversas etapas da vida, em todas as comunidades cristãs, Associações de fiéis ou movimentos eclesiais.

Na “estrada de Damasco”, Saulo ao encontrar-se com Cristo, descobria simultaneamente o mistério da Comunidade Cristã, «*Eu sou Cristo a quem tu persegues nos meus irmãos*» (ACT 9, 5) e a sua vocação «*Ai de mim se não Evangelizar*» (1Cor 9,16), por isso quando nos encontramos com Cristo Ressuscitado, percebemos também o mistério da Igreja e da nossa vocação concreta no contexto da missão.

É sempre tempo favorável, Kairós, para nos abirmos ao chamamento do Senhor, ou para renovarmos a alegria do Sim que um dia demos. Eis-nos perante o desafio de renovarmos a Alegria do Evangelho o Sim constantemente dado e de continuarmos a ser Comunidades em saída, instrumentos de Cristo pela convocação e pelo chamamento. Nós somos hoje o “*Vem e segue-me*” de Cristo!

Que a Imaculada Virgem Maria, esteja sempre presente, como Mãe e educadora nesse Sim.

Na Solenidade da Imaculada Conceição, Padroeira de Portugal, a 8 de dezembro de 2021.

† *Francisco José Senra Coelho*,
Arcebispo de Évora

† *Manuel Quintas*,
Bispo do Algarve

† *D. João Marcos*,
Bispo de Beja

APÊNDICE

Biénio Vocacional da Província Eclesiástica de Évora 2021-2023

Objetivos:

1. Num esforço de comunhão eclesial, unir as três Dioceses do sul num forte dinamismo pastoral que coloque a realidade/pastoral vocacional numa dimensão transversal às demais áreas pastorais das dioceses (Catequese, Pastoral Juvenil, Pastoral do Ensino Superior, CNE, EMRC, Convivas e outros movimentos eclesiais juvenis);
2. As nossas dioceses vivem situações semelhantes: poucas vocações, diminuição dos ministros ordenados e dos consagrados. Vive igualmente uma situação preocupante no que respeita ao número de matrimónios consagrados e participação dos cristãos nas nossas comunidades. Estas realidades tocam-se e sem comunidades mais consciencializadas sobre a sua ministerialidade, não podemos esperar que surjam muitas vocações;
3. Refazer e Revitalizar os Departamentos/Secretariados das Vocações com a finalidade de gerarem um trabalho em rede com as Paróquias e as Vigararias/Arciprestados;
4. Aproveitar o entusiasmo e ações no caminho para a JMJ como forte meio de ação vocacional.

Ações programadas no conjunto dos 2 anos:

- 1.º Ano:

- Revitalizar tudo o que respeita os Agentes de Pastoral em rede;
- Iniciar encontros/visitas às paróquias com adolescente e jovens;
- Gerar um forte dinamismo de oração nas comunidades;

- 2.º Ano:

- Apostar na Formação específica para quanto acompanham adolescentes e jovens;
- Continuar os encontros/visitas gerando vocacionados que possam ser acompanhados (individualmente ou em grupo);
- Atividades/Ações Pastorais conjuntas entre as três dioceses;

Ações para 2021/2022:

Ao longo do Ano:

- Visitar o maior número possível de grupos (jovens/adolescentes) nas paróquias;
- Promover visitas de grupos aos Seminários;
- Lausperenes diocesanos pelas Vocações;

1.º Trimestre:

- a) Nota Pastoral dos Senhores Bispos;
- b) Edição do Cartaz e das Pagelas com Oração do Biénio Vocacional;
- c) Formação das Equipas Diocesanas de Pastoral Vocacional;
- d) Encontros com o Clero (reuniões de Vigararia) para expor o Biénio Vocacional e a necessidade do empenho dos sacerdotes;
- e) Criação dos Responsáveis/Delegados paroquiais de Past. Vocacional para trabalho em rede na promoção e acompanhamento das vocações;
- f) Primeira reunião com os responsáveis paroquiais para lhes falar do Biénio e da sua missão nas paróquias e em comunhão com as dioceses;
- g) Lausperene pelas Vocações na Diocese do Algarve (Outubro/Novembro).

2.º Trimestre:

- a) Oferecer às paróquias subsídios vocacionais para as Catequeses e para Orações Vocacionais, onde os jovens possam ter lugar especial;
- b) Realização/disponibilização de meios audiovisuais para o Biénio Vocacional;
- c) Lausperene pelas Vocações na Diocese de Évora (Março).

3.º Trimestre:

- a) Peregrinações Diocesanas Vocacionais com jovens com caminho prévio;
- b) Lausperene pelas Vocações na Diocese de Beja (Maio).

Nota: Embora a Equipa Interdiocesana tenha delineado este caminho de ação pastoral comum, isso não invalida que em cada diocese possam surgir outras ações, dados os diferentes dinamismos que cada diocese já tem. A programação do Ano Pastoral 2022/2023 surgirá após a avaliação deste primeiro ano.

Impressão e Acabamento:
SIRE - Gráfica Eborense | Évora
Telefone: 266 750 557
Email: graficaeborense@gmail.com



